

VF. BP 10, 84440 Robion  
MV.CP 1449, 01415 SP.

NY., 19/3/86

Meu caro Milton, tua carta de 3/3, a que "procuna pôr ordem", é tão rica de assuntos que decidi leva-la para NY, afim de responder com calma. Está dividida grosso modo nos seguintes parágrafos: economia, "espírito", "grandeza" e "funddometafisico". Na realidade, trata-se de contestação de alguns dos meus pensamentos relativos ao ensaio sobre "cultura imaterial" que estou preparando, e obriga-me a repensar tudo, (pela n-sima vez). Por isto, reorganizarei a ordem por ti proposta, e reformularei os problemas.

Ordem de grandeza: Sempre notei que o que distingue gente civilizada da outra é o cuidado de não misturar ordens de grandeza, por exemplo não confundir tempo geoló com tempo histórico, ou dimensões astronómicas com as terrestres. Mas apenas ultimamente estou começando a me dar conta da distinção "semântica" envolvida nisto. Por exemplo que o termo "renda", medido em trilhões de dolares, significa estritamente fenomeno diferente do da "renda" medida em milhares de dolares, ou que o termo "matéria" medido em cm significa fenomeno estritamente diferente de "matéria" medida em micromis. Ora, isto tem consequências estonteantes. Você diria "metafisicas". (Como você sabe eu sou alérgico a tal palavra). Se digo que a America é mais rica que a França, estou falando em entidade comensuráveis, mas se digo que um automóvel é mais barato no Brasil que na America estou falando em entidades incomensuráveis, (na America custa tres salarios mensais, no Brasil a ordem de grandeza é outra). Outro exemplo: se digo que a especie huma tem 2 milhões de anos de idade, e a especie "Vamyroteuthis" 600 milhões, estou falando em entidades comensuráveis, mas se digo que tanto homem quanto Vampyrotethis atingem a idade de 75 anos, estou falando em entidades incomensuráveis, (o homem, tendo sangue quente, obedece a ritmo incomensurável com o de Vampyroteuthis). O problema epistemológico nisto é que sou precisamente capaz de comparar fenômenos incomensuráveis, (automóvel americano com brasileiro, idade de homens e de Vampyroteuthes). Que "trans-escalas" estarei aplicando?

Tomo como exemplo do problema a tua tentativa de traduzir para medidas económicas minha afirmativa que tanto objetos quanto trabalho, (energia), estão se desvalorizando. Você fala em Kwh, m<sup>3</sup> cubicos de gaz e dolares na America, na França e no Brasil, e esta medida é incomensurável com o fato que posso comprar vinte ternos, mas não quero, mas meu bisavô somente comprou um terno na vida, e deixou ao meu av em herança. Ou com o fato que Viki comprou automóvel por \$200 que anda melhor que o que meu av comprou para a familia toda em 1921, usando para tanto a economia de 20 anos, e que a coisa era assunto ainda em 1932, quando meu pai comprou seu primeiro carro. Não que as medidas por ti sugeridas sejam "inadequadas": são incomensuráveis com o proposito da minha afirmativa. A coisa fica óbvia no caso da corrente eléctrica da EDF: não sei quanto custa a produção de um Kwh na França, nem como tal custo é cobrado indiretamente, mas sei que, se a corrente virar gratuita, instalaremos a casa toda para electricidade, e depois nunca mais se falara no assunto. O assunto desaparecerá existencialmente. A afirmativa leninista "soviets mais electricidade" vira comicamente arcaisante. A ordem de grandeza da economia não tange o fenomeno da desvalorização dos objetos. cuja ordem de grandeza é a da estetica, da etica e da existencia concreta.

Neste contexto deve ser colocada minha afirmativa "grandeza é sintoma de pobreza", por ti refutada. Se me dou conta da incomensurabilidade de níveis, "grandeza" em um nível é tentativa para passar apra "pequenez" em outro nível. Tucurui é tentativa de passar do nível da maquina para o nível da geografia. "Less is more" significa precisamente: saber mover-se em cada nível. NY como exemplo: não é "grande", é desmedido. Paris, esta sim, é "monumental por ser pequena. NY é o Paris dos pobres. Avignon é o sonho jamais alcançado pelas towers da 6a. avenida. Avignon é o Manhattan dos ricos. O que não impede que a desmedida novaiorquina empolga, (sem necessidade de poeta). Vimos sábado a costa grenlandeza: sem poeta grenlandez ficamos literalmente "encantados". A Grenlandia fica na sua medida, (de km quadrados, que sais-je), e passa a ser desmedida em comparação com outras paisagens. Grandeza?

Espirito e informação: Tua sentença laboriosamente contorcida "a com-

putação de saltos quânticos de partículas nas synapses do sistema nervoso e sugerida pela neurofisiologia como "espírito" me deixa tonto. Concordo que a equação "espírito=computação" transforma espírito em "mercadoria". Mas tal equação não é sustentável. O que a neurofisiologia sugere é que toda uma série de fenômenos tidos por "mentais" ou "espirituais", quais sejam percepção, imaginação, desejo, e pensamento, são analisáveis quânticamente em bits de informação, e portanto simuláveis em máquinas e transformáveis em mercadoria. Mas a neurofisiologia não sugere que todos os fenômenos mentais sejam assim analisáveis, e sobretudo o fenômeno da "deliberação", (Sinngabung) não é, nem jamais será quantificável. Tal distinção radical entre "deliberação" e "decisão", (coding and deciding), se dá atualmente no interior do terreno tido por "espiritual" pela tradição filosófica, psicológica e outra. Se o futuro transformar a parte quantificável dos processos mentais em mercadoria, terá libertado a parte não-quantificável para criatividade por ora inimaginável. Você diz que tudo que está escrito na Bíblia é inoperante para a Themag, já que não pode ser embutido em objetos ou em quantidade de energia. E que isto é sintoma que a Bíblia não é mercadoria. A atual visão dos processos mentais impõe formulação diferente. Se analisar o texto bíblico em bits, (o centro de computação no Vaticano está fazendo isto), poderei distinguir entre passagens codificantes e passagens codadas. As codadas são, em tese, perfeitamente processáveis, (inclusive podem ser "roubadas" e inseridas em outros programas, (coisa que sempre tem sido feita intuitivamente). As codificantes são outra coisa, já que "em si" não são informativas. A teologia diria que são as partes "inspiradas", nós talvez diríamos que são as partes que deliberam o sentido das outras partes.

Fundo metafísico: Sem entrar na gravitação newtoniana, na curvatura einsteiniana e nas "quatro forças" da física atual, é bvio que as proposições científicas, como todas as demais proposições, oscilam entre dois polos: o da tautologia e o da contradição, (a=a e a≠a), e neste sentido entre o verdadeiro mas insignificante, e o significativo mas falso. Estes são os limites impostos a razão discursiva, e não necessitamos de Wittgenstein para nos darmos conta disto. Ora, para mim "metafísica" é tentativa de formular proposições verdadeiras que não sejam tautologias. Concordo: não podemos deixar fazer tais tentativas, porque é isto a meta de todo discurso. Mas insisto que tal tentativa é fadada ao malogro, dada a estrutura da razão discursiva. Neste ponto sou protestante: "sola fide". E não vejo nada mais "ímpio", tanto do pnto de vist cristão quanto judeu, de que querer sustentar o discurso da ciência, (e qual-

quer outro discurso), com argumentos recorrendo a Deus. "Não deves tomar Seu nome em vão", e creio que é isto o "pecado contra o espírito" que a Igreja condena. Quanto aos meus rabinos e o Deus do deserto do Vicente que não pode fazer com que circulo seja quadrado, (computador pode faze-lo), os rabinos não se entenderiam com o Deus vicentino. Talvez porque o deserto é quatro mil ano anterior aos rabinos do talmud, e ai ressurge o problema da ordem de grandeza. Por certo: o Deus judeu-cristão pode ser reduzido as raizes primitivas, mas nesta caso desaparecerá euqtanto Deus. Vicente cometeu o erro de comparar o incomensurável: o mito primitivo com a fé talmudica, (inclusiva a dos evangeli. Não escaparemos jamais a atração do fundo metafísico, mas devemos resistir, se quisermos admiti-LO. "Não deves fazer imagens". SOU O QUE SOU (JHVH).

Estou pelo, menos tão confuso quanto voce, sobretudo agora que começo a aventura de novo livro nesta cidade barbara de extremo refinamento. Zardoumi disse 6a. que Sua vos sopra atualmente em Manhattan: "Allah hu akhbar". Mas ele não conhece Manhattan. Por enquanto so ouvô vozes humanas, demasiadamente humanas. Estamos ficando velhos, meu caro amigo, velhos demais para Manhattan. Mas estou me lançando nela de corpo e de, (como se diz?, "alma?").

Desculpe os erros da frappe, a maquina e da Dinah. Abraços, e escreva. A contenda entre nos está esquentando, mas isto é sinal que estou te aproveitando. Faça outro tanto, na medida em que te forneço also de aproveitável.